



ORDEM DOS
ENGENHEIROS
TÉCNICOS

IV
CONGRESSO
DA ORDEM DOS
ENGENHEIROS
TÉCNICOS

PROMOVER A ENGENHARIA, DESENVOLVER PORTUGAL

A ENGENHARIA COMO PILAR
FUNDAMENTAL DA ECONOMIA
PRODUTIVA

1 E 2 DE JUNHO | LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL

Ex.^{mo} Sr. Presidente do Conselho Diretivo do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Engenheiro Carlos Alberto Brito Pina

Ex.^{mo} Sr. Presidente da FEANI, Engenheiro José Vieira

Ex.^{mo} Senhor Bastonário da Ordem dos Engenheiros Técnicos de Cabo Verde

Engenheiro Técnico António Bernardo do Nascimento

Ex.mo Sr Bastonário da Ordem dos Engenheiros Técnicos

Eng^o Técnico Augusto Guedes

Caros Estudantes

Caros Convidados

Caros Colegas e Amigos

Minhas Senhoras e Meus Senhores

É com enorme orgulho de ser Engenheiro Técnico que saúdo o IV Congresso da Ordem dos Engenheiros Técnicos e todos vós.

A primeira parte desta minha intervenção é proferida enquanto presidente da Comissão Executiva deste congresso para partilhar algumas das diretivas que conduziram a opções que tomámos ao longo da sua organização.

Ao escolhermos para sede do nosso IV Congresso o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, não o fizemos sem um motivo concreto. Para além de estarmos numa instituição que muito tem contribuído para o desenvolvimento da Engenharia Portuguesa e para a projeção do seu nome no mundo, foi aqui que, nos dias 21 e 22 de Outubro de 1989, se realizou o 2º congresso da Associação Profissional dos Engenheiros Técnicos Portugueses onde foi tomada a decisão, considerada na altura utópica por alguns, de construir o caminho que conduzisse à criação de uma associação pública (ordem profissional) representativa da classe profissional dos Engenheiros Técnicos.

Em boa hora este grupo de colegas teve a visão e a audácia de encetar este processo que culminou com a publicação em 2 de Setembro de 1999 do Decreto-Lei 349 que criou a ANET, alterado a 27 de junho de 2011 pela Lei nº47 que criou a OET. Assim, queremos neste IV congresso recordar e homenagear as últimas três décadas, da nossa longa história, a resiliência e o empenho de uma classe no seu todo e, sobretudo, a dos colegas que nas diferentes fases participaram e coordenaram o processo que

conduziu ao que hoje somos – a Ordem dos Engenheiros Técnicos.

Por outro lado, ao construirmos o programa deste congresso tivemos a preocupação de equilibrar temas de caráter técnico-científico que pensamos interessarem à generalidade dos presentes, com painéis que nos possam dar uma visão política do enquadramento nacional e internacional da nossa profissão.

Convidámos alguns dos protagonistas nacionais para partilharem connosco os seus conhecimentos e as suas experiências nestes temas e alguns dirigentes de associações nacionais e estrangeiras para connosco discutirem as visões das suas associações sobre o enquadramento profissional dos profissionais de engenharia.

Na mesa sobre a **“A livre circulação de profissionais de engenharia no mercado global”**, apesar dos nossos esforços, não foi possível garantir um representante do norte da europa, o que lamentamos uma vez que a sua visão sobre este assunto tem particularidades que diferem na substância das associações do sul, contudo dando expressão à dimensão universalista do nosso país, conseguimos ter representantes de três continentes o que nos deixa muito satisfeitos e expectantes em relação a este debate.

Optámos pelo lema “**A engenharia como pilar fundamental da economia produtiva**” para o IV congresso, pois ao contrário da economia especulativa, assente nos mercados, cujo principal objetivo é rentabilizar a riqueza, é a economia produtiva que produz objetos e serviços, que cria riqueza, que cria emprego, que ergue um país, sendo por isso a base de todo o progresso. Nós, profissionais de engenharia, temos de ter consciência que não há desenvolvimento social, evolução tecnológica, ou inovação, eixos essenciais de uma economia assente na produção, sem o envolvimento da engenharia. A engenharia é e será sempre a alavanca que permitirá, como desde a invenção da roda o tem feito, o encontrar das soluções que permitem melhorar a vida humana a todos os níveis. Por isto escolhemos este lema.

Foi nossa preocupação desde a primeira hora envolver nos trabalhos deste congresso os futuros engenheiros técnicos, atuais estudantes de um curso de engenharia. Neste sentido foram convidadas todas as direções das Associações de Estudantes de escolas de engenharia, tendo o grato prazer de anunciar que acederam ao nosso convite, sendo participantes ativos neste congresso, escolas de norte a sul do país incluindo das ilhas.

Finalmente, quisemos organizar um congresso tão abrangente quanto possível dando expressão à nossa implantação nacional e permitindo uma maior diversidade de opiniões. Neste sentido promovemos a eleição, por votação eletrónica, de representantes distritais e de ilha à qual só se podiam candidatar membros sem nenhum cargo dentro da estrutura da ordem. Esta eleição permitiu que, para além da representação institucional através de delegados e subdelegados distritais e de ilha, estejam por esta via aqui representados 15 distritos do continente e 6 ilhas num total de cerca de 40 representantes.

Esta comissão, em estreita colaboração com o nosso Conselho Diretivo Nacional que compõe a comissão organizadora deste congresso, e o empenho e o profissionalismo dos nossos funcionários ergueu este congresso. Não foi um trabalho fácil e não é, seguramente, uma organização sem erros ou omissões, mas os dados estão jogados. Compete agora a cada um nós, fruto da forma como participe neste congresso, fazer com que ele tenha o sucesso que todos almejamos.

Caros membros da mesa

Caros Colegas

Permitam-me que aproveite esta oportunidade para me dirigir, agora, a este congresso na minha qualidade de membro integrante desta classe profissional e que vos tente transmitir algumas das minhas convicções sobre o posicionamento da nossa classe na altura em que inauguramos este congresso e algumas das posições que venho defendendo sobre o que deve nortear o nosso futuro imediato.

No ano de 2015 a publicação das Leis 14, 15, 40, e 41, a publicação das alterações aos estatutos das duas ordens representativas dos profissionais de engenharia, Leis 123 e 157, vieram permitir aos novos diplomados de um curso de engenharia de primeiro, segundo ou terceiro ciclos, optarem pela profissão de Engenheiro Técnico ou de Engenheiro, associando-se à respetiva ordem, sendo os atos que podem desempenhar, salvaguardando as exigências de tempo de experiência profissional, exatamente os mesmos.

Para os diplomados com graus académicos obtidos antes da implementação do Espaço Europeu de Ensino Superior, a Ordem dos Engenheiros Técnicos tem o exclusivo dos diplomados com o grau académico de bacharel e, se é verdade que alguns dos nossos membros têm pedido a demissão de membro efetivo, provavelmente, por razões diversas, não é menos verdade que se assiste hoje a um número crescente de inscrições de

diplomados com o grau de licenciado obtido em cursos de 5 anos.

Os prognósticos que apontavam para que a paridade entre as duas ordens representantes de profissionais de engenharia nos seria desfavorável, falharam completamente. O número de novos membros da nossa ordem tem crescido diariamente.

Ao nível do relacionamento com entidades terceiras a nossa ordem tem vindo a granjear importância no panorama nacional, afirmando-se definitivamente como uma parceira institucional da sociedade para tudo o que diga respeito à atividade profissional de engenharia.

São disto exemplos, as nossas propostas sobre o Risco Sísmico associado à reabilitação de edifícios, sobre o Levantamento Cadastral dos Prédios Rústicos como forma de contribuir para decréscimo significativo dos incêndios no verão, sobre a melhoria das condições de trabalho na área da construção civil com intuito de reduzir drasticamente, ou mesmo evitar, os acidentes e, mais recentemente, sobre a nossa posição favorável à implantação de um polo do aeroporto General Humberto Delgado no Montijo.

Devo, ainda, salientar que a Ordem dos Engenheiros Técnicos é atualmente a única organização representativa das Profissões Liberais no Conselho Económico e Social.

Estou seguro que continuaremos a nossa senda de contribuir de forma pró-ativa para a resolução dos problemas da engenharia e do país, como foi reconhecido nas palavras de Sua Excelência o Presidente da Republica que muito amavelmente nos quis dirigir e que em meu nome pessoal e em nome da comissão executiva do congresso muito agradeço.

Temos pensamento, temos opinião, temos propostas e disto não abdicamos.

Mas será que esta postura institucional é reproduzida por cada um de nós no quotidiano da nossa intervenção?

Urge que o ano de 2017 seja um ano de reflexão e mudança de atitude de cada um de nós, sendo talvez, na minha opinião, o contributo para esta mudança, um dos grandes objetivos deste congresso.

No passado escolhia-se a profissão de Engenheiro Técnico por obrigação, por ser a alternativa possível para acesso ao desempenho de alguns atos de engenharia regulados. Hoje opta-se pela profissão de Engenheiro Técnico para poder desempenhar todos os atos de engenharia regulados. Esta

diferença espelha o quanto a nossa classe profissional se afirmou nos últimos anos: Hoje ser Engenheiro Técnico, apesar das resistências de alguns dirigentes de serviços públicos com atitudes passadistas que temos vindo a denunciar e a impugnar, é ser um profissional de engenharia em total paridade com outros profissionais do setor com acesso à plenitude dos atos regulados; Pelo esforço e o empenho que cada um de nós coloca na atividade profissional que exerce todos os dias, ser Engenheiro Técnico é ser hoje reconhecido como sinónimo de conhecimento, competência e exigência; Ser Engenheiro Técnico é ser herdeiro de um espírito inovador, de uma postura de insatisfação que nos leva à busca incessante de novos métodos e soluções para os problemas que se nos colocam.

Afirmarmo-nos hoje como Engenheiros Técnicos é projetar no presente e no futuro a profissão autónoma que os nossos governantes (as últimas legislaturas) quiseram reconhecer e diferenciarmo-nos de forma positiva das outras profissões que connosco competem no mercado da engenharia, assumindo a responsabilidade pelo nosso próprio caminho.

Assim, pede-se a cada um de nós que assuma um papel ativo na projeção da nossa classe, dialogando com estudantes, recém-diplomados e outros colegas em geral, apresentando as nossas diferenças, as nossas propostas, o nosso espírito jovem e

ousado, o nosso dinamismo, a nossa postura não corporativa, a evolução tecnológica das nossas plataformas, para fazermos da classe dos Engenheiros Técnicos a maior representante dos profissionais de engenharia em Portugal.

Só isto permitirá honrar, como já escrevi, com dignidade, a memória de todos os nossos colegas que estiveram na génese de todo o nosso percurso e dar visibilidade, sem complexos, à obra que durante mais de 160 anos todos temos vindo, anonimamente, a construir.

Para terminar esta intervenção, gostaria de vos deixar aqui um desafio: reflitam sobre todo este percurso, sobre o ponto em que estávamos há três décadas atrás e onde chegamos hoje e descubram a vossa razão para ter ORGULHO em SER e SABER SER ENGENHEIRO TÉCNICO.

Muito Obrigado